

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE INFÂNCIA, CRIANÇA, EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA E FORMAÇÃO.

Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles
Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste

O Grupo de Estudos sobre “Infância, Criança, Educação da Infância e Formação” se constituiu do desdobramento de pesquisa inicialmente desenvolvida sobre a Educação da Infância desde 2010 no campus do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, ligado especialmente ao Núcleo de Formação Docente (NFD). Liga-se, em linhas gerais, a questões da infância e da educação da mesma. Articulam alunos e pesquisadores que tem a infância, a Formação da educação das crianças como eixo estruturador de suas teorizações.

Com intuito de atender a demanda apresentada por alunos de graduação e pós-graduação, mas, sobretudo pela necessidade de desenvolvimento de pesquisas e levantamentos da situação da educação da infância desta região, o grupo se constitui como espaço de formação profissional e de produção de conhecimento, a partir dos procedimentos de formação na e pela pesquisa.

O grupo possui uma linha de pesquisa, a saber: A produção da criança e da infância e o lugar da diferença a partir dos discursos das crianças e dos professores. Tais questões articuladas constituem o intuito do grupo em analisar a infância como uma construção social, como condição do humano e plural e que interroga nesta condição o processo de formação dos profissionais envolvidos com ela.

Títulos dos projetos em desenvolvimento: **“A infância pelo olhar das crianças: um estudo nas Escolas Municipais da Região do Agreste Pernambucano.”** Consiste em analisar os múltiplos significados e sentidos acerca da infância atribuídos pelas próprias crianças da Educação infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, investigando, sobretudo, como a infância é compreendida nos seus discursos.

Procurando ultrapassar a especificidade do ensinar e aprender na Educação Infantil, abrangendo, assim, de forma mais ampla, a questão acerca da infância afirmada no contexto escolar, apresentamos o artigo de Conceição Salles, intitulado **“A Infância no Primeiro Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental Obrigatório de Nove Anos: o que dizem os professores de Redes Públicas Municipais da Região do Agreste/PE?”**, resulta da inquietação acerca de como os professores que atuam juntos a estes sujeitos concretos, crianças, estão nomeando e compreendendo a infância e a educação das crianças no contexto da educação de nove anos, mais especificamente no primeiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

O artigo, intitulado **“O dizer a criança e a infância na educação infantil em Caruaru - PE: em cena os discursos das professoras”**, de Iunaly Felix de Oliveira, Conceição Salles, se apresenta enquanto recorte de um conjunto de reflexões que compõem uma dissertação que se insere na discussão atual acerca do lugar dado às crianças e à infância, nos espaços destinados à educação Infantil, a partir do entendimento dos discursos das professoras que trabalham no referido nível de ensino.

O artigo, intitulado **“É hora de... há espaço para a diferença na rotina da Educação Infantil?”** de Anna Líssia, Conceição Salles, é recorte de uma pesquisa de mestrado, que buscou apreender os enunciados que emergem da prática docente sobre a diferença na Educação Infantil, onde dialogamos com os dados que relacionam o trabalho com a diferença em sala de aula e a rotina desenvolvida com as crianças de quatro e cinco anos da Educação Infantil.

A INFÂNCIA NO PRIMEIRO ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL OBRIGATÓRIO DE NOVE ANOS: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE REDES PÚBLICAS MUNICIPAIS DA REGIÃO DO AGRESTE/PE?

Conceição Gislane Nóbrega de Lima Salles

Resumo: A implementação do ensino fundamental de nove anos nos apresenta questões que problematizam os sentidos e lugares atribuídos à criança, a infância e a sua educação. Além de garantir o acesso à escola, é preciso refletir sobre como as práticas estão considerando as crianças e a suas subjetividades. Nesse contexto, o presente trabalho, objetiva apreender os discursos veiculados entre os professores do primeiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental, no que diz respeito à infância, o ensinar e o aprender, tomando como referência o processo de implementação do ensino fundamental de nove anos. Reconhecer as crianças na sua especificidade, olhá-las e indagá-las para além dos discursos produzidos sobre elas, parece ser um dos desafios hoje, quando pensamos ou praticamos a tarefa educativa na Educação Infantil e no Primeiro Ano das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Para a realização deste estudo, nos apoiamos em uma metodologia de enfoque hermenêutico. Em termos de verificação empírica, delimitamos como nosso campo investigativo escolas dos anos iniciais do ensino fundamental de Redes Públicas Municipais da Região do Agreste/PE, e como procedimento metodológico utilizamos entrevistas semi-estruturadas com os professores dessas instituições. Os resultados evidenciaram que a valorização das potencialidades infantis e a garantia de que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades de ser criança e viver a infância ainda são os principais desafios no processo de implementação do primeiro ano do Ensino Fundamental e na materialização dos seus objetivos. Os dados nos revelam, o quanto ainda é desafiador afirmar uma proposta que assegure as especificidades dessa criança e o direito de ser criança. Pelo exposto, as práticas concretas, embora tenha uma certa preocupação em afirmar certas concepções compatível com os conhecimentos acumulados na área dos estudos da infância, o cotidiano é fortemente marcado por uma lógica e uma cultura “escolarizante” do ensino fundamental que acabam por delimitar as abordagens acerca do que é alfabetizar. Muito próxima da compreensão engendrada por discursos pedagógicos tradicionais, os quais pensam a infância de uma perspectiva forçada do adulto, encontramos, nas falas analisadas, marcas bem precisas no que se refere ao papel da educação da infância. Uma delas seria a da educação das crianças mais atrelada a uma imagem que faz frutificar uma visão da infância restrita a um acontecimento biológico — etário inscrito na lógica do estabelecido, de uma visão desenvolvimentista da vida, ao número de anos que se tem — do que, desde outra perspectiva, com uma infância que afirma a novidade, a criação e a própria diferença. Ou seja, a infância como figura da alteridade, que interrompe um estado de coisas para propiciar o novo, um outro olhar.

Palavras-chave: Infância; Ensino Fundamental; Professor.

O DIZER A CRIANÇA E A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CARUARU – PE: EM CENA OS DISCURSOS DAS PROFESSORAS.

**Iunaly Felix de Oliveira
Conceição Gislane Nóbrega de Lima Salles**

Resumo: o presente texto se apresenta enquanto recorte de um conjunto de reflexões que compõem uma dissertação que se insere na discussão atual acerca do lugar dado às crianças e à infância, nos espaços destinados à educação Infantil no município de Caruaru - PE, a partir do entendimento dos discursos das professoras que trabalham no referido nível de ensino. Embora cada vez mais tenham se acentuado os questionamentos nesse campo e por mais que se observe uma vasta produção de estabelecimento de critérios, normas e disposições para o desenvolvimento da Educação Infantil, percebe-se que as concepções sobre criança, infância e Educação Infantil têm sido empregadas frequentemente como conceitos não avaliados. Buscamos nesse sentido, apreender o modo como doze professoras que atuam nas instituições públicas municipais concebem a criança, a infância e a Educação Infantil, o que conseqüentemente, tem subsidiado as formas de intervenção das mesmas no espaço/tempo da Educação Infantil. Tal investigação esteve fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, inspirada nos estudos de Michel Foucault. Do ponto de vista teórico, partimos da problematização da própria noção de infância e de Educação Infantil (ARIÈS, 2006; KRAMER, 2007a; KOHAN, 2003a; OLIVEIRA, 2007; CORSARO, 2011), seus significados e as implicações destes no campo da educação das crianças. Os discursos analisados, distribuídos em redes discursivas, em linhas gerais, apresentam enunciados e temporalidades para a infância, a criança e a Educação Infantil diversos, mas não excludentes. Embora em todos os discursos identifique-se uma ampliação da preocupação com o lugar da criança, da infância nas práticas da Educação Infantil, os mesmos revelam tanto indícios de permanência como de mudanças nas formas de dizer a criança, a infância e, conseqüentemente, a Educação Infantil. Dessa forma, a partir das análises aqui empreendidas foi possível apreender que as concepções das professoras ainda estão muito vinculadas a discursividades que inscrevem as crianças a um “vir a ser” no futuro, conferindo à Educação Infantil a responsabilidade da passagem, seja para a vida adulta, seja para as séries seguintes. Por outro lado, foi possível identificar também discursividades que apontam para outras perspectivas mais afirmativas, que valorizam a criança naquilo que ela é, reconhecendo a infância enquanto condição, para além de uma fase ou etapa da vida. Desse modo, faz com que os professores organizem as ações na Educação Infantil pautadas na inventividade, no respeito e na interação. Os dados, portanto, expressam uma diversidade de sentidos e interpretações, mas indicam o quanto a escola e seus sujeitos ainda carecem de uma relação mais afirmativa com a criança e a infância.

Palavras-chave: Educação Infantil; Infância; Discursos.

É HORA DE... HÁ ESPAÇO PARA A DIFERENÇA NA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL?

**Anna Líssia da Silva
Conceição Gislâne Nóbrega de Lima Salles**

Resumo: No presente trabalho realizamos um recorte de uma pesquisa de mestrado em fase de conclusão, que buscou apreender os enunciados que emergem da prática docente sobre a diferença na Educação Infantil. A pesquisa teve como corpus de análise os dados obtidos através de entrevistas semiestruturadas e observação direta em sala de aula, sendo as entrevistas realizadas com treze professoras de doze Centros Municipais de Educação Infantil do município de Caruaru, Pernambuco, e as observações realizadas em três turmas de dois Centros. Para este trabalho, nos atemos a analisar alguns dados que emergiram das entrevistas que trazem a tona o lugar que temáticas e questões relacionadas à diferença tem tido na rotina com as crianças da Educação Infantil. As discussões sobre o lugar da diferença na educação escolarizada surgem do crescente questionamento a uma educação monocultural ainda predominante nas instituições educacionais, onde as diferenças são silenciadas ou abordadas de forma superficial nas práticas desenvolvidas com as crianças, assim muitos questionamentos reivindicam propostas pedagógicas voltadas para uma educação que leve a diferença em consideração, tendo em vista que as crianças fazendo parte de uma sociedade multicultural também são atravessadas pela diferença. No percurso desenvolvido neste trabalho, buscamos inicialmente dialogar com autoras e autores que discutem como a escolarização, pensada como missão civilizadora, se constituiu partindo do reconhecimento da diferença e buscando a homogeneização através de uma educação monocultural, mas sem deixar de produzir outros processos de diferenciação. Esse diálogo se deu com o intuito de atermo-nos a alguns cuidados propostos por Foucault quando da análise enunciativa, a partir da qual é crucial a busca pela compreensão das condições de emergência dos enunciados, nesse caso os enunciados das professoras relacionados à suas práticas e a questão da diferença. Depois empreendemos uma discussão sobre a constituição da rotina enquanto categoria pedagógica na Educação Infantil, tendo em vista que a forma como a rotina é organizada e vivenciada com as crianças, promove ou não espaço para o acolhimento à diferença, que neste sentido ganha duas dimensões: a diferença enquanto relação com o Outro, com as diferenças culturais, e a diferença enquanto irrupção do inesperado e da novidade no cotidiano da Educação Infantil. E por fim, nos atemos aos enunciados que emergiram a partir das entrevistas com as professoras participantes da pesquisa, onde ao falar sobre suas práticas docentes na relação com as crianças nas faixas etárias entre quatro/cinco e cinco/seis anos na Educação Infantil, apontam o lugar que as discussões e problematizações da diferença vêm tendo na rotina com as crianças. Acreditamos que apreender os enunciados sobre a diferença que emergem nos discursos condicionados às práticas docentes nos apontam importantes elementos para repensarmos não apenas as rotinas e as práticas voltadas para as questões que envolvem a diferença, mas também repensarmos a própria formação de professoras e professores das crianças pequenas.

Palavras-chave: Diferença; Rotinas; Educação Infantil.